

# Da invisibilidade ao reconhecimento: experiência de roda de conversa e validação da bissexualidade em São Paulo

*From invisibility to recognition: experience of conversation and validation of bisexuality in São Paulo*

Cintha Giselle Coutinho Oliveira dos Santos<sup>I</sup>, Natasha Avital<sup>II</sup>, Santiago de Paiva Bernardes<sup>III</sup>,  
Wesley Torres Rodrigues Ferreira<sup>IV</sup>

## Resumo

O presente artigo trata sobre a realização da “Roda de Validação de Experiências Bissexuais” realizada em São Paulo durante oito meses, que se utilizou de técnicas de crochê como pano de fundo para facilitação dos encontros. A roda de conversa surgiu com o intuito de levantar uma maior discussão sobre as vivências, demandas, aspectos positivos e negativos das experiências relatadas, além de proporcionar união e fortalecimento da população presente em um espaço onde se sentissem acolhidos e confortáveis para expor livremente aspectos individuais, entendidos como vivência de cada participante, porém buscando compreender se há e quais são as questões sociais por trás destes momentos.

**Palavras-chave:** Bissexualidade; Validação; Roda de conversa.

## Abstract

This article discuss the “Circle of Validation of Bisexual Experiences”, that happened in São Paulo during eight months, and used crochet as a facilitator. The purpose of the activity was to initiate discussion of the lived experiences, needs, positive and negative aspects of participant’s experiences, besides allowing union and strengthening of this population, in a place where they felt welcomed and comfortable to freely expose individual aspects, seen as the experience of each participant, but seeking to understand if there are and what are the social issues behind these moments.

**Keywords:** Bisexuality; Validation; Conversation circle.

## Introdução

Utilizaremos o conceito de “monodissidência” – termo que surgiu dentro do ativismo bissexual para definir as orientações que se atraem por mais de um gênero<sup>1</sup> – para citar a “pan”<sup>V</sup>, “poli”<sup>VI</sup>, bissexualidade e outras

identidades não monossexuais em um único termo, facilitando assim, a apresentação deste artigo. Para os sujeitos que se identificam com cada uma destas sexualidades, entende-se que a bissexualidade é a atração pelo seu próprio gênero e outros gêneros, enquanto que a pansexualidade é a atração por pessoas independentemente de seu sexo ou identidade de gênero e a polisexualidade é a atração por múltiplos gêneros. O que há em comum entre estas três orientações é que o sexo e a identidade de gênero podem, ou não, ser um fator que discrimine o relacionamento com outras pessoas<sup>2</sup>.

Por terem a característica de não se atrair por apenas um gênero, os monodissidentes frequentemente sofrem preconceito por pessoas tanto homo, quanto heterossexuais. De modo geral, indivíduos monossexuais enxergam os pan,

<sup>I</sup> Cintha Giselle Coutinho Oliveira dos Santos (psi.cinthyasantos@gmail.com) é bacharel em Psicologia pela

<sup>II</sup> Natasha Avital (jefreyidel@hotmail.com) é bacharel em Direito pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS), Técnica Administrativa na Procuradoria da República em Santos e moderadora do coletivo Bi-Sides.

<sup>III</sup> Santiago de Paiva Bernardes (santiagodepaiva@gmail.com) é bacharel em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), Psicólogo do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) de Campinas e moderador do coletivo Bi-Sides.

<sup>IV</sup> Wesley Torres Rodrigues Ferreira (wesleytorresr@hotmail.com) é bacharel em Psicologia pela Universidade Paulista (UNIP), Psicoterapeuta em São Paulo e integrante do coletivo Bi-Sides.

<sup>V</sup> Pansexualidade é a atração afetiva e/ou sexual por todos os gêneros.

<sup>VI</sup> Polissexualidade é a atração afetiva e/ou sexual por vários gêneros e não tem relação com o termo “poliamor”, que é a relação amorosa de duas ou mais pessoas simultaneamente.

poli e bissexuais como pessoas em transição de uma sexualidade para outra, ou como em busca de aceitação social em função da atração por pessoas do sexo oposto.

Este preconceito que bissexuais sofrem é denominado “bifobia”. De acordo com Oliveira, Machado e Neves<sup>3</sup>, a bifobia, assim como a lesbofobia e a homofobia, é um conjunto de sentimentos negativos e medos irracionais que se tornam nítidos por manifestar desprezo, incômodo, antipatia, e outras atitudes discriminatórias e hostis. Especificamente falando sobre a bifobia, esta se apresenta também na forma de estereótipos e julgamentos que consideram o indivíduo que se identifica bi como promíscuo, portador/vetor de IST (infecções sexualmente transmissíveis), indeciso e infiel. É comum que pessoas evitem relacionamentos com os bissexuais por achar que serão traídos com pessoas do sexo oposto ou do mesmo sexo<sup>3</sup>.

Por conta do preconceito vivido, indivíduos monodissidentes sofrem constantemente o apagamento de suas experiências, sendo diminuídos ou excluídos, mesmo dentro da comunidade lésbica, gay, bissexual, trans, queer e outras sexualidades (LGBTQ+). Nela, existe uma prática homonormativa em que os indivíduos que expressam desejo sexual por pessoas do gênero oposto sofrem exclusão, o que acaba reforçando a monossexualidade em detrimento da monodissidência dentro da comunidade<sup>4</sup>. Por exemplo, até certo tempo, a sigla para representar pessoas não heterossexuais era “GLS” (gays, lésbicas e simpatizantes), sendo só depois incluída a bissexualidade como uma sexualidade específica e não como um meio-termo.

Conforme apontado por Machado, Alves e Dickson<sup>5</sup>, um dos aspectos da invisibilidade bissexual está relacionado a alguns papéis de gênero. Por exemplo, os homens bissexuais são considerados gays que não se assumiram para fugir

do papel de afeminado apoiando-se no fato de que não é necessário se assumir heterossexual em um contexto heteronormativo<sup>5</sup>. Já as mulheres bissexuais têm a sua sexualidade fetichizada até mesmo em estudos científicos, como os resultados da pesquisa publicada por Rieger e colegas<sup>6</sup>, que apontou que todas as mulheres são bissexuais, apontando o tom machista da discussão deste, uma vez que o corpo feminino se torna alvo de fantasias como o *ménage à trois* (relação sexual a três), em que se idealiza principalmente o homem como dominador de duas mulheres submissas.

Também será explorada como a exclusão e a invisibilidade dessa população bissexual se dá, não somente do ponto de vista do senso comum, mas também com profissionais. Nos atendimentos em Psicologia e Psiquiatria, por exemplo, a bissexualidade ainda é muito confundida com bipolaridade, transtorno *borderline* e outros diagnósticos relacionados a um senso instável de identidade e comportamento sexual de risco.

Partindo desses pressupostos, este artigo visa elucidar de forma prática as contribuições da “roda de validação de experiência para pessoas bissexuais”, cujo intuito de criação constitui-se em lutar contra a invisibilidade através da legitimação desta sexualidade como uma orientação válida e existente, trocar experiências de apagamento a fim de reconhecer quando estas ocorrem, criar vínculos de apoio entre os participantes, amenizar sofrimentos relacionados à própria sexualidade e trazer temas pouco discutidos dentro e fora da comunidade LGBTQ+.

#### **Método-Proposta**

A Roda de Conversa e Validação das Experiências Bissexuais foi proposta por integrantes do coletivo Bi-sides e surgiu com a necessidade de reconhecimento e validação das orientações

sexuais monodissidentes, para que os participantes pudessem compreender sua própria orientação como válida frente ao contexto social de apagamento e exclusão em que comumente está inserida.

Os encontros desta roda foram realizados quinzenalmente entre os meses de novembro de 2017 e junho de 2018, no Centro Cultural de São Paulo, das 14:00 às 17:30 horas. A divulgação dos encontros era feita por eventos em redes sociais como o *Facebook*, através do site do coletivo Bi-Sides e por indicação de amigos. Para facilitar o reconhecimento do grupo, deixava-se uma bandeira bissexual no centro da roda. Apesar de ser chamada de “roda de validação das experiências bissexuais”, a roda era aberta para qualquer pessoa monodissidente – ou seja, que se difere da orientação voltada a apenas um gênero, caso da homo e heterossexualidade.

A roda de conversa não precisava de inscrição, nem de sinalização prévia dos participantes, funcionando de “portas-abertas”, de modo que qualquer pessoa que se interessasse pudesse participar, porém sendo ressaltado que o espaço seria de troca e validação de experiências para pessoas monodissidentes, de modo que essas se sentissem acolhidas e representadas, além de livres para expressar suas vivências sem julgamentos morais ou preconceitos.

A princípio, a proposta foi que a roda de validação fosse fechada com participação exclusiva de pessoas monodissidentes que não pudessem pagar por um acompanhamento terapêutico ou espaços semelhantes, porém no decorrer, decidiu-se que funcionaria em esquema aberto. Portanto, em alguns momentos houve a participação de pessoas monossexuais que começaram a participar e se sentiram confortáveis nos encontros por enxergar ali um momento de troca, sem apresentar comportamentos que pudessem interferir de modo negativo no objetivo

dos encontros. Isso tornou o espaço acolhedor também para os que buscavam entender mais acerca do assunto e expressar a sua experiência enquanto monossexual em proximidade com as vivências monodissidentes.

Devido a esse tipo de funcionamento mais liberal, a roda de validação não contava com um número fixo de participantes por encontro. Embora não houvesse nenhuma restrição etária. Os participantes vinham de todas as regiões de São Paulo, inclusive alguns da região metropolitana ou cidades do interior, como Campinas, entre outras.

O crochê foi utilizado como “pano de fundo” para a troca de experiências, sendo que este não era um recurso obrigatório para a participação na roda. Quem não conhecesse a técnica poderia aprender a fazer com o material disponibilizado (lã e agulhas), caso tivesse interesse. Em alguns momentos, o crochê serviu como analogia para as vivências ou como mecanismo para aliviar a tensão de alguns debates. Com o decorrer das rodas, os participantes começavam a trazer suas próprias técnicas, como desenho, criação de pulseiras, brincos e outras peças, tornando as atividades no grupo mais diversificadas.

Nenhum dos participantes era obrigado a expor suas vivências, visto que o pressuposto é que cada pessoa tem uma relação diferente com as suas experiências e abordar certos assuntos pode gerar sofrimentos. Dessa forma, quando as pessoas sentiam-se confortáveis para falar e “se abrir” acerca de determinado tema, lhes era dado espaço para a discussão do tópico, além da possibilidade de realizar, junto com o grupo, correlações com os prováveis motivos da ocorrência de tal situação, permitindo que fossem levantados eventos semelhantes convvidos por outros integrantes que serviriam de contraponto ou não para esclarecer e evidenciar detalhes e definir a similaridade de vivências e situações às quais os bissexuais são expostos.

O grupo tinha total liberdade para propor assuntos a serem debatidos, porém, quando a proposta temática não surgia espontaneamente nos participantes, os mediadores dos encontros facilitavam a conversa propondo alguns temas.

Em um grupo como esse, o mediador tem a preocupação de se ater a tais detalhes para poder unir as semelhanças e diferenças do que for relatado e, de forma elucidativa e por vezes didática, evidenciar se tais eventos podem ser desencadeados por um mesmo sintoma indicativo (como a bifobia, a sobrecarga das expectativas dos pais sobre os filhos, a relação entre machismo e a LGBTQfobia, entre outros). Além disso, verifica a possibilidade de exemplificar sobre qual tema o assunto pautado se refere, nos diferentes contextos (relacionamentos amorosos, trabalho, estudos, família, etc.) para esclarecer formas de lidar com cada um desses contextos, em dadas situações e como cada um dos participantes da roda de conversa podem lidar com a mesma situação evidenciando que não existe uma maneira certa de agir e reagir, mas sim diversas maneiras, sendo todas caminhos possíveis que podem estar de acordo com a necessidade e a vontade do indivíduo.

É necessário ressaltar que, no início da formação das rodas, é comum as pessoas não estarem dispostas a se expressar, principalmente por não conhecerem o ambiente e não saberem o que poderá ser bem visto ou não em tal espaço. Por este motivo, os mediadores buscam sempre trazer informações e vivências para impulsionar o restante dos participantes a pensar em experiências pessoais, a respeitar as opiniões alheias e/ou adversas e, em caso de discordância, expor com o cuidado de como o outro iria receber tal opinião, de forma que o espaço não se torne tóxico, além de possibilitar que as pessoas presentes pratiquem o acolhimento.

A roda foi uma iniciativa de baixo custo com mediação voluntária e de funcionamento simples,

sem necessidade de inscrição, preenchimento de formulários ou burocracia e sem o uso de uma linha teórica específica – visto que contou com mais de um mediador – explicitando que técnicas de manejo de grupo comuns podem ser aplicadas sem grandes dificuldades, independente das concepções teóricas de seus organizadores, sendo portanto um projeto de fácil aplicação, reprodução e continuidade.

### Descrição

A Roda de Conversa e Validação das Experiências Bissexuais teve uma alcance notável, com momentos de participação de 6 pessoas, outros de 30 integrantes, numa média de 12 participantes por encontro, com idades de 20 a 40 anos – demonstrando o interesse de participantes devido provavelmente à pouca existência de espaços que contam com a presença de profissionais capacitados para falar de bissexualidade e monodissidência e a manejar as discussões de modo que os preconceitos interiorizados e os eventos vividos de discriminação frente a essas práticas fossem debatidos de maneira saudável, questionando a forma como essa discriminação ocorreu e foi constituída.

No decorrer dos encontros foi possível constatar que a quantidade de assuntos abordados foi crescendo gradualmente, devido à sensação de conforto e acolhimento desenvolvido pelos integrantes, devido à continuidade de participações. A cada encontro foram debatidos diversos temas, muitas vezes pautados pelos próprios participantes que traziam suas de vivências pessoais, que, com o tempo, se sentiam impulsionados a refletir criticamente acerca de novas experiências vividas e relatadas.

O crochê enquanto facilitador de troca de experiências esteve disponível para os participantes, a quem quisesse fazer ou aprender. Mesmo

não sendo o enfoque dos encontros, notou-se que algumas pessoas tinham maior interesse em aprender e praticar essa arte, ao ponto de trazer materiais já feitos para serem apresentados na roda de conversa aos demais.

Os assuntos da roda de conversa sempre giraram em torno da bissexualidade e monodissidência, permeando também temas como formas de relacionamento e amor, papéis de gênero, identidades de gênero, relações familiares, trabalho e representações sociais. Na maioria das vezes, foi marcante o relato da dificuldade de lidar com preconceitos e discriminações frente a outros contextos, estando nítidos como tais conflitos são geradores de angústias.

Observou-se que em alguns momentos, quando alguém relatava uma situação conflituosa vivida, os demais participantes que haviam passado por situações semelhantes, sugeriam ao grupo maneiras de como enfrentar tais situações. Isso proporcionava que, no final das discussões, todos pensassem em conjunto sobre as formas de encarar a adversidade citada, visando a mudar a situação.

As diversas maneiras de ação e reação frente às experiências discriminatórias foram abordadas, proporcionando momentos de maior racionalidade e reflexão para lidar melhor com a situação e escolher a melhor atitude a ser tomada, evitando ações baseadas apenas em reações emocionais que podem ter consequências mais sérias para quem está sendo discriminado – principalmente quando a discriminação advém de alguém muito próximo – uma vez que a vítima tende a, muitas das vezes, entender o ato como um ataque pessoal e não como uma questão social. Assim, o grupo pôde proporcionar várias reflexões acerca de diversos preconceitos instaurados na sociedade, facilitando que a vivência desses eventos fosse vivida maior preparo; além de proporcionar às pessoas que não viveram tais

situações, pudessem se preparar para lidar com ocasiões semelhantes.

### Discussão

Por normalmente não serem aceitos e entendidos como uma sexualidade diferente da homo e heterossexualidade, os monodissidentes convivem com uma presença muito forte do sentimento de solidão, o que se acentua por não terem referência de encontros e grupos nos quais possam se comunicar com pessoas que têm experiências semelhantes e que permitam a troca de vivências. As questões são vividas de forma individual, quando na realidade são ocorrências comumente enfrentadas por pessoas bi, pan e polisssexuais, dentre outras identidades.

Frente a um contexto hostil de discriminação, negação e exclusão dentro e fora da comunidade LGBTQ+, o acolhimento e a empatia se mostraram ser recursos fundamentais para a manutenção dos encontros. O ambiente descontraído com respeito e cuidado com o próximo se fez nítido em nível tanto individual quanto coletivo, como por exemplo, a atenção em acolher a identidade de gênero e o nome social dos integrantes – os quais em diversos espaços são desrespeitados. Esse acolhimento foi de fundamental importância para que os participantes se sentissem motivados a irem aos encontros seguintes.

A relação dialógica estabelecida no grupo pelos mediadores pode ser compreendida a partir da teoria da Gestalt<sup>7</sup>, que pontua que a relação estabelecida nesses grupos pode ser descrita por várias características, mas principalmente por: (1) presença; (2) confirmação; (3) inclusão; e (4) disposição para a comunicação aberta. A Gestalt aponta que a presença está representada pela postura disposta por parte do terapeuta, do cliente (no caso, o participante) e do relacionamento, sem fingir interesses. A confirmação é entendida

pela postura de aceitação incondicional do outro, de que o outro é amado e valorizado independentemente de concordar ou não com seus posicionamentos. Já a inclusão é entendida como a postura de comunicar a empatia ao cliente, de forma que seja possível validar sua experiência. Por fim, a disposição para a comunicação aberta, significa propiciar um ambiente em que o outro se sinta livre para dividir sua experiência<sup>7</sup>.

Na roda, mesmo se tratando de um conceito bastante utilizado na clínica psicológica individual, foi possível estabelecer uma relação dialógica com os participantes da roda de conversa. Essa atitude permitiu que fosse possível sentir, experimentar e perceber o outro como uma pessoa e não como algo. À medida em que os facilitadores adotaram essa forma de contato com o outro, notou-se que os demais participantes também procuraram uma postura mais genuína e franca de estar na presença dos demais. Assim, com o ambiente acolhedor e uma postura não discriminatória, foram debatidos diversos assuntos relacionados à monodissidência; muitos deles pautados em preconceitos do qual foram alvo e situações-problema vividas pelos participantes que lhes atingiram negativamente, causando dúvida, constrangimento, mal-estar e sofrimento. Essas vivências puderam nortear o tipo de discussão que seria plausível nos encontros seguintes, envolvendo a prevenção e formas de lidar com novas experiências desagradáveis, embora as consequências psicológicas causadas pelo sofrimento vivido ainda tivessem deixado suas marcas. Por esse motivo, os integrantes do grupo sempre buscavam trazer mais situações para o debate, evidenciando a necessidade que tinham de falar sobre o assunto.

A experiência da roda de conversa mostrou que as pessoas monodissidentes enfrentam uma quantidade específica e significativa de preconceitos e estereótipos negativos ligados à sua

identidade. Isso se agrava porque também no meio acadêmico e científico há reflexos dessa visão distorcida sobre essa população e que não tem acompanhado a demanda de saúde psicossocial de que os monodissidentes precisam. Segundo Teixeira-Filho e Rondini<sup>8</sup>, os adolescentes bissexuais apresentam maior índice de ideação e tentativas de suicídio em comparação com os monossexuais. Isso ocorre porque as pessoas bissexuais são constantemente incompreendidas devido a uma cultura sexual binária, que faz com que aqueles que se atraem por dois ou mais gêneros sejam lidos como “confusos”, “indecisos” ou “imatuross”<sup>8</sup>.

Machado e colegas<sup>5</sup> (p.3), ao falar sobre a bissexualidade e a necessidade de se assumir ou identificar-se como bissexual, destaca que, diante a tanta confusão e estereotipação existente, por mais que haja o ideal da não-rotulação – uma vez que as pessoas de fato, não precisam da autoafirmação o tempo inteiro –, o bissexual sempre necessita de explicação e definição, justamente pelo fato de esse indivíduo não ser identificado ou compreendido. Nesse sentido, essa “necessidade” de dizer, já surge como um ato político e de resistência para amenizar a invisibilidade existente<sup>5</sup>.

Maria Leão de Aquino Silveira<sup>1</sup>, com outra perspectiva quanto ao ato de se assumir como bissexual pontua que, diferentemente dos homossexuais onde o ato de “sair do armário” significa formar laços comunitários com redução de sofrimento e estresse, a pessoa bissexual sofre pressão quando se assume por supostamente ter que “se decidir” quanto à própria sexualidade e ser cobrada a repensar o termo com o qual se identifica. Isso faz com que seu sofrimento não diminua<sup>7</sup>.

Carreiras<sup>9</sup>, em um estudo sobre autoestima e nível de homofobia internalizada, realizado em Portugal com 89 participantes da comunidade

LGBT, incluindo 32 bissexuais, mostrou que os indivíduos que se identificavam como bissexuais apresentavam níveis significativamente inferiores de autoestima em comparação aos homens e às mulheres homossexuais. A baixa autoestima estaria relacionada com a dificuldade das pessoas bissexuais se assumirem e também por possuírem maior índice de preconceito internalizado, o que causaria maior tendência aos distúrbios psicossociais<sup>9</sup>.

Conforme esses autores, é percebida a grande necessidade de apoio profissional, de qualidade para o atendimento das demandas comuns e específicas da população bissexual. Porém, contraditoriamente, muitas das vezes essa encontra mais discriminação dentro dos consultórios e instituições de saúde. Em estudo realizado nos Estados Unidos com terapeutas, Firestein<sup>10</sup> demonstrou que 16,7% dos entrevistados considerava a bissexualidade como sintoma de doença mental, 7,0% haviam atuado tentando converter pacientes bissexuais a tornar-se heterossexuais e 4,0% haviam tentado converter pacientes bissexuais à exclusiva homossexualidade. Também estudo realizado no Reino Unido por Mohr, Israel e Sedlacek<sup>11</sup>, demonstrou que terapeutas que estavam em treinamento tinham uma visão estereotipada da bissexualidade, atribuindo a pacientes com essa condição problemas clínicos, independentemente de suas crenças com relação a gays e lésbicas, e atribuíam mais problemas clínicos a clientes fictícios com histórico de relacionamento que envolvia um homem e uma mulher, em comparação com aos clientes fictícios com histórico de relacionamento com apenas um gênero, apontando o grande estereótipo na abordagem da bissexualidade.

É preciso destacar que, no Brasil, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) não deixa claro à inclusão da bissexualidade e de outras orientações não monossexuais nas resoluções que

orientam o trabalho dos psicólogos. Na Resolução nº 1 de 1999, que estabelece como esse profissional deve atuar com relação à orientação sexual, nenhum dos seis artigos mencionam termos relacionados à monodissidência e/ou bissexualidade, sendo utilizado principalmente termos associados à homossexualidade, com destaque ao artigo 4º que menciona<sup>12</sup>:

*“Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica” (artigo 4º).*

Portanto, na área de Psicologia, as resoluções são contundentes no que diz respeito ao impedimento dos psicólogos agirem de maneira homofóbica. Porém, ainda há uma permissividade, mesmo que indireta, à prática da bifobia. Por esse motivo, ainda existem casos onde o terapeuta busca uma decisão do atendido acerca de sua sexualidade, considerando apenas a homo e a heterossexualidade como alternativa e invisibilizando totalmente as identidades monodissidentes como aponta Leão de Aquino Silveira<sup>1</sup>:

*“Em um mundo onde a heterossexualidade e a homossexualidade representam polaridades opostas, vivências que navegam entre esses pólos e não se fixam em nenhum deles são vistas como agentes de contaminação” (p. 38).*

A bissexualidade, assim, ainda é vista por vários profissionais da saúde como um transtorno ou desordem, como a bipolaridade, transtorno *borderline* entre outros diagnósticos relacionados a um senso instável de identidade e de comportamento sexual de risco, onde se patologiza e discrimina pessoas que estão em busca de

tratamento justamente por conta do sofrimento causado pelo preconceito.

Também há uma forte associação da promiscuidade com as identidades monodissidentes, havendo a preocupação quanto à possibilidade dos bissexuais serem entendidos como vetores de algum vírus, como, por exemplo, o HIV. Como mencionado por Seffner<sup>13</sup>, para as mulheres bissexuais e lésbicas, a aids é uma sombra difusa e de certa forma distante, que aparece de modo pontual e que é evocada como parte dos “perigos” do contato sexual direto ou indireto com homens. Já para os homens bissexuais e gays, a aids é uma associação naturalizada, vista como quase que imanente às suas práticas sexuais, sendo uma realidade que vitima diversos membros de suas comunidades<sup>13</sup>. Isso explicita a noção antiquada e ainda persistente em nossa sociedade, de que há uma “ponte bissexual para as infecções sexualmente transmissíveis (IST)” enfatizando que as pessoas bissexuais exercem papéis de “vetores” dos vírus, associando comportamentos de promiscuidade e imprudência sexual aos monodissidentes. Tais generalizações criam e reforçam situações carregadas de preconceitos também dentro da comunidade LGBTQ+, dificultando a socialização e os relacionamentos, principalmente de homens bi, mas também de mulheres bi que se veem responsabilizadas pelas relações com estes homens.

### Considerações finais

A Roda de Conversa e Validação das Experiências Bissexuais foi uma proposta de baixo custo com mediação profissional voluntária que possibilitou a construção de conhecimento juntamente com as pessoas que seriam contempladas por estes saberes. Apesar de usar o termo “bissexual”, a roda foi constituída de forma aberta para todas as pessoas monodissidentes

e monossexuais que vissem os encontros como uma possibilidade de troca de experiências.

A característica de uma roda aberta em que todos pudessem dividir suas experiências e serem acolhidos de forma empática possibilitou que muitos dos participantes se sentissem confortáveis para dividir suas vivências, mesmo para falar de temas considerados mais dolorosos, como o preconceito, a exclusão e a invisibilidade de sua orientação sexual. Dessa forma, se constituiu como uma técnica que facilitou para que muitos dos participantes pudessem perceber sua capacidade de lidar melhor com essas dificuldades.

É evidente que as populações com necessidades específicas demandam dos profissionais de saúde um conhecimento maior acerca de suas vivências, para que esses possam estar incluídos em completude com a prática profissional, ou seja, no encontro com um paciente não monossexual. Quando o profissional expressa questões intrínsecas à nossa sociedade, como papéis rígidos de gênero e uma cultura sexual exclusivamente binária, de forma preconceituosa, pode impossibilitar que pessoas com vivências monodissidentes consigam estabelecer um vínculo adequado para o andamento dos processos terapêuticos, que se tornam desgastantes para o atendido, visto que muitas das vezes tais atendimentos serão geradores de confusão, dúvida e angústia.

Atualmente existem poucos estudos sobre a bissexualidade e suas especificidades, principalmente no Brasil, o que corrobora para que o tema seja pouco explorado e difundido no campo acadêmico nacional. Por este motivo, é de grande importância ressaltar a necessidade da iniciação de pesquisas voltadas para esse público possibilitando maior exploração e divulgação e fazendo com que profissionais da saúde, estudantes e pessoas monodissidentes entrem em contato com o material estudado e possam utilizar desses saberes para reforçar práticas mais saudáveis.

Ainda é possível considerar que o vasto campo de estudo acerca da sexualidade, em geral, é pouco explorado, deixando inúmeras lacunas a serem preenchidas. Porém existem situações em que os riscos podem ser minimizados no que tange a saúde pública de uma população com demandas específicas, como por exemplo, a atualização das diretrizes dos conselhos regionais e federais de Psicologia, de modo que haja uma maior proteção e respeito às pessoas com identidades monodissidentes.

A possibilidade de um ambiente aberto e seguro para troca de experiências se fez como um espaço de resistência e união entre pessoas monodissidentes, uma vez que, mesmo dentro da própria comunidade LGBTQ+, os bissexuais têm suas vivências negadas, resultando em um processo de apagamento e invisibilidade. Atividades inclusivas como essas são, portanto, reforçadoras da identidade dos sujeitos e dão contornos nítidos às várias sexualidades que são negadas e/ou entendidas como um meio-termo entre monossexuais.

#### Referências

1. Silveira MLA. Os unicórnios no fim do arco-íris: bissexualidade feminina, identidades e política no Seminário Nacional de Lésbicas e Mulheres Bissexuais. [dissertação]. Instituto de Medicina social. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro; 2018.
2. Harper AJ, Ginicola MM. Counseling bisexual/pansexual/polysexual clients. In: Ginicola MM, Smith C, Filmore JM. Affirmative counseling with LGBTQ+ people. Alexandria: American Counseling Association; 2017. p.171-182.
3. Oliveira CAN, Machado FLBS, Neves, S. Amor parental (in) condicional: estudo sobre a influência da percepção da aceitação/rejeição parental em homossexuais, lésbicas e bissexuais. *Coming-out for LGBT*. 2012; 2(2):89-97. (on line). [acesso em: 3 ago 2018]. Disponível em: [http://www.academia.edu/6472101/Amor\\_parental\\_in\\_condicional\\_Estudo\\_sobre\\_a\\_influência\\_da\\_percepção\\_da\\_aceitação\\_rejeição\\_parental\\_em\\_homossexuais\\_lésbicas\\_e\\_bi-sexuais](http://www.academia.edu/6472101/Amor_parental_in_condicional_Estudo_sobre_a_influência_da_percepção_da_aceitação_rejeição_parental_em_homossexuais_lésbicas_e_bi-sexuais)
4. Lewis ES. Eu quero meu direito como bissexual: a marginalização discursiva da diversidade sexual dentro do movimento LGBT e propostas para fomentar a sua aceitação. In: III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade, 2012, Campinas: Universidade Federal de Campinas (UNICAMP); 2012.
5. Machado J, Alves A, Dickson M. A invisibilidade bissexual na novela “O Outro Lado do Paraíso”. In: XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte. Vilhena: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; 2018.
6. Rieger G, Bailey JM, Chivers ML, Savin-Williams RC. Sexual arousal and masculinity-femininity of women. *Journ. Person. Soc. Psych.* 2016; 111(2):265–283. (on line). [acesso em: 10 ago 2018]. Disponível em: <http://www.apa.org/pubs/journals/features/psp-pspp0000077.pdf>
7. Joyce P, Sills C. Técnicas em Gestalt: aconselhamento e psicoterapia. 1ª reimp. Petrópolis: Vozes; 2016.
8. Teixeira-Filho FS, Rondini CA. Ideações e tentativas de suicídio em adolescentes com práticas sexuais hetero e homoeróticas. *Saúde e Sociedade*. 2012; 21:651-667. [acesso em: 3 ago 2018]. Disponível em: [https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0104-12902012000300011&script=sci\\_arttext&tlng=en](https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0104-12902012000300011&script=sci_arttext&tlng=en)
9. Carreiras LMC. Autoestima sexual, identidade LGB e homofobia internalizada numa população de lésbicas, gays e bissexuais. (Tese). Universidade do Algarves. Faro; 2014. [acesso em: 22 out 2018]. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/8235>
10. Firestein BA. *Becoming visible: counseling bisexuals across the lifespan*. Nova York: Columbia University Press, 2007.
11. Mohr JJ, Weiner JL, Chopp RM, Wong SJ. Effects of client bisexuality on clinical judgment: When is bias most likely to occur?. *Journal of Counseling Psychology*. 2009; 56(1):164-175. [acesso em: 6 ago 2018 ago 06]. Disponível em: <http://psycnet.apa.org/buy/2009-00624-007>
12. Conselho Federal de Psicologia. Resolução nº 001/99. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Brasília: CFP; de 22 de março de 1999. [acesso em: 3 ago 2018]. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf)
13. Seffner F. Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual [tese]. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre; 2003.